

XXIII Encontro Anual da ANPOCS

IMPrensa E CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO – 1989-1996

GT 08 – Mídia, opinião pública e eleições

Vera Chaia (PUC/SP)

1999

A IMPRENSA E A CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO – 1989 -1996

Vera Chaia ¹

O presente trabalho tem como preocupação sistematizar alguns dados coletados na pesquisa que desenvolvi sobre a Imprensa e a Câmara Municipal de São Paulo.²

Tal pesquisa pretende reafirmar a possibilidade da interpretação política dos mass media, visto que se elegeu como tema a dimensão política da imprensa, enquanto mídia composta por jornais de grande tiragem e ampla repercussão junto à opinião pública. Como produtores de informações, estes jornais são fontes geradoras de sistemas de representação da realidade, utilizados seja para compreender a sociedade ou para acionar diferentes formas de ações.

Busca-se, desta forma, abordar o poder da imprensa, sob condições de vigência da Democracia, estruturador de um campo simbólico, ganhando enorme significação no âmbito das conjunturas ou disputas políticas.

Especificamente, a pesquisa objetivou analisar o complexo relacionamento entre a Imprensa e a Câmara Municipal de São Paulo nas Legislaturas de 1989-92 e 1993-96, nos Governos de Luiza Erundina do Partido dos Trabalhadores e Paulo Maluf do Partido Democrático Social (atualmente PPB -Partido Progressista Brasileiro).

Do ponto de vista da política institucional deve-se ressaltar que a mídia, em particular a imprensa, desempenha um papel fundamental para a divulgação e o entendimento dos temas que farão parte da agenda política, desde aquela traçada pela esfera federal até, a municipal.

Assim, considerando-se tanto a importância da imprensa para as democracias contemporâneas, quanto o poder que ela exerce na formação da opinião pública, pretende-se, através da avaliação da sua pauta jornalística, estudar a imagem da Câmara Municipal, construída através de grandes jornais do Estado de São Paulo, analisando a forma de divulgação dos trabalhos do Legislativo municipal e ainda, a concepção que os vereadores construíram à respeito do papel exercido por esse meio de comunicação.

¹ **VERA CHAIA** - Professora do Departamento de Política da Faculdade de Ciências Sociais e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

² Imprensa e Câmara Municipal de São Paulo – 1989-1996 – pesquisa financiada pelo CNPq

Como pode-se falar numa relação de complementariedade entre a esfera da política e um sistema de mídia, também pode-se perceber aí a existência de tensões, à medida que a imprensa pode estar desqualificando, dificultando ou controlando o trabalho dos parlamentares; enquanto estes, podem estar reclamando ou denunciando que a imprensa não abre espaços de debate ou de informação para suas propostas parlamentares.

Na sequência, outros aspectos ganham interesse, tais como a questão da imagem negativa dos políticos: tanto gerada pela imprensa, quanto decorrente da existência de uma classe política pouco apegada ao trabalho, preocupada mais com seus ganhos pessoais do que propriamente com o bem-estar da população. Uma outra questão refere-se à liberdade de imprensa e à necessidade de uma ética jornalística ou de uma preocupação voltada à responsabilidade pública.

Vale reiterar que a pesquisa pretendeu analisar os mídia, e especificamente a imprensa escrita enquanto um locus privilegiado de representação dos atores políticos e, também da política de modo geral. De imediato pode-se vincular meios de comunicação à política, uma vez que os meios de comunicação de massa, e principalmente a imprensa escrita, exercem um papel fundamental nas sociedades democráticas, pois, além de se constituírem em agentes/atores, são tanto formadores, quanto veículo de expressão da opinião pública.

Partindo da constatação de que existe uma mudança substantiva na relação mídia e política, Antônio C. Rubim afirma que: "A mídia age no espaço particular, mais perto da mensagem, abarcando a política através de alguns dispositivos: o agendamento de assuntos como temas relevantes do momento político; a plasmação dos agentes/atores/personagens da política, sejam individualidades ou entes coletivos, pela via da moldagem de imagens sociais, inevitável e indispensável roupagem para o trânsito na dimensão pública; e, por fim, ao compor cenários políticos a partir da síntese determinada de temas mais personagens. Temas, atores, cenário - em resumo, conformações atuais derivadas da publicização desenho do político pela mídia"(Rubim, 1994: 45, in Matos, H.,1994).

Na verdade, para que a política se realize nas sociedades contemporâneas, é necessário que esta se torne pública, pois os acontecimentos políticos devem passar pelo impacto da mídia. Desta forma, a política deve se adequar às regras da mídia e, com isso, transforma-se, de certa maneira, em prisioneira dos meios de comunicação.

Neste sentido Regis Debray, ao afirmar que o político vem sendo humilhado pela técnica, escreve: "A informação sempre foi um meio de governo (e de enriquecimento). Todo governante

tem de ser o primeiro informado para estar em condições de repercutir; ou não, a informação sobre o governado" (Debray, 1994, 92).

Quando analisa a emergência do teleestado, apontando a tendência contemporânea do estreito vínculo entre informação e administração pública, Debray compara: "O Rei já não é imperador em seu reino. É um fornecedor, entre outros, de narrativas, um candidato a mais no mercado das notícias. Na conferência de redação, os fabricantes do acontecimento abrem os envelopes de propostas e decidem o que, mais importante, segundo seus próprios critérios. Mas eles é que são o acontecimento" (Debray, 1994, 92).

Numa Democracia Representativa, como a nossa, até que ponto a constante crítica aos políticos e às instituições democráticas não reforçam uma cultura política que predomina no Brasil baseada em uma postura antipolítica e antipartidarismo? Como avaliar o "papel dos mídia na disseminação da crise de confiança na política e suas instituições e, conseqüentemente, na criação de obstáculos para a consolidação do regime democrático" (Porto, 1996, 2)?

Procedimentos utilizados para coleta de dados

Após as considerações realizadas, cabe-nos explicitar os procedimentos utilizados para a coleta de dados e informações que orientaram o presente estudo.

Realizamos um levantamento nos arquivos da Câmara Municipal, abrangendo os anos de 1989 a 1996, observou-se que as notícias veiculadas na imprensa reforçam uma imagem negativa dos políticos, dos partidos e do Legislativo.

A maioria das notícias divulgadas ressalta fatos pitorescos ou irregularidades ocorridas na Câmara Municipal, como o caso que envolveu a compra de carros novos para os vereadores e a despesa desnecessária feita com a reforma dos gabinetes dos parlamentares. Os projetos e as iniciativas de maior relevância apresentados e discutidos pelos vereadores são esquecidos e raramente ganham destaque na imprensa. Em alguns casos, quando o vereador faz uma denúncia que atinge outros políticos ou aponta problemas da administração municipal, como contratação de assessores da Prefeitura sem concurso público, a notícia aparece e repercute nacionalmente.

Notícias como nepotismo, empreguismo, mordomias e clientelismos "... são todos elementos de uma mesma narrativa a respeito de desordens econômicas, políticas, e sobretudo morais, que se articulam na definição, ao menos, de uma agenda negativa, quer dizer, de tudo o que é preciso mudar na vida pública brasileira" (Lattman-Weltman, Carneiro e Ramos, 1994: 37).

Os jornais diários são lidos pela equipe de funcionários da Hemeroteca da Câmara Municipal. A partir de uma primeira leitura, é realizada a seleção das matérias que serão incorporadas ao Arquivo, na pasta referente ao assunto Câmara Municipal. As matérias selecionadas são dos jornais Folha da Tarde, Folha de S.Paulo, Diário Popular, O Estado de S.Paulo e Jornal da Tarde.

Todas as matérias selecionadas pela equipe de funcionários da Câmara Municipal, que dizem respeito à Câmara Municipal, foram quantificadas, abrangendo os anos de 1989 a 1996. Em números absolutos foram analisadas 4299 matérias correspondentes aos 5 jornais analisados, conforme tabela abaixo:

Jornais	nº absolutos	%
Diário Popular	1777	41,4
Folha de S. Paulo	584	13,6
O Estado de S. Paulo	488	11,3
Jornal da Tarde	412	9,6
Folha da Tarde	1038	24,1
Total	4299	100,0

O Diário Popular é efetivamente o jornal que mais acompanha as atividades da Câmara e era, no período estudado, o único jornal que mantinha um repórter em tempo integral para cobrir estas atividades da Câmara Municipal, fornecendo informações para a Folha da Tarde, dentre outros. Tanto o Estado de S.Paulo como a Folha de S.Paulo mantém repórteres para a cobertura das atividades do Executivo e do Legislativo municipal. Já o Jornal da Tarde reproduz, de forma diferente, as notícias veiculadas pelo O Estado de S.Paulo.

A partir deste levantamento, o material coletado foi organizado por **categorias** construídas após a realização de leituras de várias matérias jornalísticas. Com o intuito de especificar melhor estas categorias criou-se **sub-temas** contidos na categoria mais ampla e que tiveram como objetivo apreender melhor o conteúdo das matérias. As categorias construídas foram as seguintes:

- a) **crise política** - os jornais publicam notícias que colocam em xeque a atuação e a lisura dos parlamentares que exercem mandatos no Legislativo municipal. Analisam o comportamento político e apresentam iniciativas parlamentares negativas. Dentro desta categoria

subdividimos em temas que mais destacados são: corrupção, nepotismo, mordomias, clientelismo, irregularidades e críticas aos vereadores.

- b) **projetos/leis** - projetos apresentados pelos vereadores são analisados pela imprensa. Para esta categoria foram criados os seguintes subtemas: saúde, educação, finanças, esportes, Lei Orgânica/ Plano Diretor (LO/PD), transportes, meio ambiente, obras públicas, administração pública, votação, negociação/veto, Tribunal de Contas do Município (TCM), segurança, cultura/lazer.
- c) **relacionamento Executivo e Legislativo** – tal categoria tem como objetivo apreender matérias referentes ao relacionamento entre o Executivo e o Legislativo, para tanto criou-se os seguintes subtemas: indicações, administrações regionais, conflitos, negociação/acordo, atuação.
- d) **notícias específicas da Câmara Municipal** – a cobertura jornalística voltada à questões internas da Câmara Municipal, subdividida nos seguintes subtemas: assunto interno, política sucessória, eleições externas, composição, Comissão Parlamentar de Inquérito/ Comissão Especial de Inquérito (CPI/CEI).
- e) **sociedade civil** – notícias referentes à presença da sociedade civil na Câmara Municipal, consideramos importante recuperar esta dimensão da participação popular pressionando os vereadores e cobrando certas atuações dos parlamentares: mobilização da sociedade civil, sociedade amigos de bairro, presença de categorias sociais.
- f) **comportamento** – cobertura da imprensa referente ao comportamento (dimensão comportamental).
- g) **programa de governo** – apresentação de programas de governo desenvolvidas pelo Executivo e discutidas pelo Poder Legislativo.
- h) **avaliação dos trabalhos desenvolvidos na Câmara Municipal** – acompanhamento por parte da imprensa dos trabalhos desenvolvidos pelos vereadores. Foram criados dois subtemas: mídia e associações.

Tal metodologia nos permitiu organizar e sistematizar os dados coletados no arquivo da Hemeroteca da Câmara Municipal. Porém, a primeira dificuldade na organização e sistematização do material coletado refere-se à forma como encontramos os jornais arquivados. Ao invés de manterem os jornais na íntegra, a equipe da Hemeroteca recorta as notícias, coloca a data da publicação e, em alguns casos elimina as fotos ilustrativas da matéria.

Isto significa que o trabalho com os jornais se limitou à leitura dos mesmos e não nos preocupamos em milimetrar as matérias e o espaço reservado pelos jornais à estas. Como não

tivemos acesso ao exemplar do jornal, o que seria praticamente impossível fase ao período amplo da pesquisa, optamos por contabilizá-las, organizá-las com um código para cada matéria e diferenciá-las como notas ou artigos.

Outra dificuldade diz respeito à cobertura jornalística da Câmara Municipal de São Paulo. A primeira impressão era que a cobertura da imprensa seria muito restrita e se limitaria a avaliar criticamente os trabalhos desenvolvidos pelos parlamentares. Ao realizar a contagem dessas matérias, fomos surpreendidos com a quantidade de artigos e notas referentes à esta cobertura.

Para compreender a elaboração da pauta foram entrevistados os jornalistas que cobriam os trabalhos da Câmara Municipal: Robson Luquêsi (Diário Popular), Rogério Gentile (Folha de S. Paulo), Roberto Gazzi (Estado de S. Paulo), Roberto Viegas (assessor de imprensa da Presidência da Câmara Municipal), Lázaro Roberto (Rádio Bandeirantes) e Carlos Belmonte (Rádio Jovem Pan). As entrevistas com estes dois repórteres de rádio, embora não pensadas anteriormente, se deveu ao fato de que eles representam papéis fundamentais neste processo de divulgação dos trabalhos da Câmara Municipal de São Paulo. Tal procedimento nos possibilitará compreender como se dá o processo de construção e de seleção dos assuntos a serem veiculados pela imprensa.

Entrevistamos também os vereadores: Aldaisa Sposati (PT), José Eduardo Cardozo (PT), Odilon Guedes (PT), Chico Whitaker (PT), Turco Loco (PSDB), Ana Maria Quadros (PSDB), Anna Martins (PcdoB), Brasil Vita (PPB). Para compreender o funcionamento da Câmara Municipal entrevistamos Dilze Onilda de Oliveira funcionária de carreira da Câmara Municipal.

Cobertura dos jornais pesquisados:

Para o presente artigo foram selecionados os seguintes aspectos: construção da agenda; comparação da cobertura dos jornais no tocante às gestões Erundina e Maluf; categoria crise política/corrupção; políticos e partidos mais citados.

Como se dá o processo de construção e de seleção dos assuntos a serem veiculados pela imprensa? À partir de alguns depoimentos de jornalistas, podemos avaliar como é feita esta **seleção das notícias:**

Para o jornalista **Roberto Gazzi** (entrevista realizada em 17/08/92/SP), do jornal O Estado de S. Paulo, a Câmara Municipal de São Paulo só recebe espaço na imprensa em situações bem específicas: *“No dia a dia dos jornais, as questões administrativas da cidade estão concorrendo com outras questões da cidade: trânsito, fatos policiais, comportamentais.*

Nós achamos, muitas vezes, que a cobertura da Câmara fica escondida no noticiário, porque ela mesma não produz mesmo, então a gente vê que há tempos a Câmara não vota nenhum projeto de interesse da cidade...é um espaço muito nobre do jornal... a Câmara está produzindo muito pouco fato relevante que mereça ter ali uma notícia da Câmara em detrimento de outra coisa que está acontecendo na cidade, porque a rigor eles não estão produzindo políticas, projetos, e sem isso não faz sentido a gente dar espaço”.

Este relato traz uma crítica ao papel desempenhado pelos vereadores, que não são afeitos ao trabalho e pouco produzem para merecer espaço na imprensa.

Ao ser questionado sobre o por quê da não cobertura da imprensa dos trabalhos da Câmara Municipal, **Rogério Gentile** (entrevista realizada em 11/09/97/SP) comentou: *“Eu acho que tem vários fatores. Primeiro, o interesse do público, diariamente são feitas pesquisas nos jornais, coisa e tal, com os eleitores, eu não sei até que ponto não é falta de interesse da população. Segundo, eu vejo assim, também não vale a pena perder, ter um repórter diariamente lá na Câmara se o que vai acontecer lá é só o que o prefeito quer, entendeu? Quer dizer, os projetos mesmo só vão ser votados, só vão ser aprovados de acordo com a vontade do prefeito, a não ser em algum momento de crise quando o prefeito se nega a conceder alguma coisa para os vereadores e pode ter uma rebelião, como a que houve no final do ano passado. Então, eu acho que é até por isso”.*

Robson Luquêsi (entrevista realizada em 27/04/95/SP), do Diário Popular, comenta que: *“Pelo fato de eu ser setorista, e acompanhar diariamente a Câmara, as notícias quem acaba levando sou eu. Raramente o jornal me pauta para determinada coisa, e menos ainda, mais raramente, de determinar o enfoque da matéria. A chefia da reportagem ou a direção da redação entende: ‘não aqui não vale uma nota, vale uma matéria; ah, vale, por quê? Por causa disso, isso e isso’. Quer dizer, existe uma discussão, do material que eu colho, que eu levo, deu para saber o que é interessante ou não, aí é filosofia de jornal. Eu posso julgar determinado assunto importante, o jornal não, e vice-versa sobre uma determinada matéria. Mas, basicamente, a coleta de informações que eu faço, eu levo ao conhecimento da chefia, se eu julgo importante, eu argumento que merece uma matéria, umas vezes eles falam: ‘então, cria até uma matéria para gente, para sair no final-de-semana, para gente fazer um trabalho maior’. Aí vem a filosofia do jornal. Saber o que é importante ou não. O Diário Popular é um jornal que cobre fatos, ele é factual. Pode haver matérias investigativas, pode haver e há, mas o fundamental é noticiar o que aconteceu ontem na cidade, ou o que está acontecendo na cidade, mas basicamente factual. Matéria mais trabalhada, matéria mais investida, acontece, existe, não é raro, mas a prioridade é*

factual. Do buraco de rua à queda do avião que matou não sei quantas pessoas num bairro de SP, interessa”.

Lázaro Roberto (entrevista realizada em 23/06/95/SP), da Rádio Bandeirantes comenta que as notícias a serem transmitidas pela rádio dependem da: *“minha avaliação. Eu procuro transmitir aquilo que eu julgo que seja de interesse da população. Mas como nós da Rádio Bandeirantes transmitimos tudo ao vivo então eu vou procurar pauta, ver qual projeto é de interesse da comunidade, qual projeto que é curioso, e apresentar. Vamos ver um exemplo: uma vez aqui na Câmara apresentaram um título de cidadania para o Sr. João Benedito não-sei-das-quantas, e ia ser aprovado. Qual não foi a surpresa quando se soube que esse cidadão era o Cabo Bruno. Então isso um fato curioso que surgiu. Felizmente isso foi detectado por um vereador do PMDB, e a coisa não foi. Então são notícias assim curiosas, e outras notícias importantes como por exemplo, quando chega o IPTU aqui. A população inteirinha quer saber quanto vai pagar de IPTU. Então é uma coisa que a gente procura técnicos, procura vereadores para poder explicar”.*

Para **Carlos Belmonte** (entrevista realizada em 10/09/97/SP), da Rádio Jovem Pan, a cobertura desta rádio é *“mais crítica do que normalmente se faz. Ou seja, eu venho aqui para verificar se os vereadores estão presentes ou não e basicamente para ver o trabalho deles. Dificilmente, eu coloco ‘um vereador está apresentando um projeto para mudar’, muito dificilmente, basicamente, é uma cobertura para analisar a postura dos vereadores diante da legislatura, no sentido de fiscalizar o trabalho, fiscalizar não só a presença, mas os tipos de projetos que eles apresentam, o que eles estão querendo com esses projetos.*

O jornalista da **Rádio Jovem Pan** comenta francamente que: *“no meu caso, eu gosto disso aqui, eu tenho poder, dado pela Rádio, de criticar os vereadores, de falar o que eu estou pensando; na verdade, é mais um comentário do que uma cobertura jornalística, mas pelo menos eu consigo dizer alguma coisa.... Às vezes, eu faço alguns boletins e me pergunto ‘será que o leitor gostaria de ter no ar estas notícias?’ Eu acho que sim. E acho que também a Rádio aproveita isso muito bem. Eles sabem que o ouvinte gosta de criticar o legislativo. Eles sabem disso. Eles me deixam fazer as críticas porque obviamente interessa para eles, porque o ouvinte gosta dessas críticas”.*

Pelos depoimentos acima, podemos constatar que o processo de seleção das notícias a serem veiculadas por estes órgãos de comunicação, dizem respeito às preferências e avaliações

personais destes jornalistas. Os critérios de relevância, ou seja a “noticiabilidade”, são estabelecidos por estes, e geralmente referendados pela direção destes órgãos.

Realizando um **estudo comparativo** à respeito da cobertura jornalística dos eventos/notícias da Câmara Municipal de São Paulo, podemos avaliar que quase todos os jornais cobriram mais a gestão e a Legislatura do governo Erundina do que a de Paulo Maluf.

a) O Estado de S. Paulo

Apresentação	Total	%	Gestão Erundina				Gestão Maluf			
			1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Matéria	475	97	164	34	20	60	73	13	56	55
Nota	14	3	6	4	1	1	0	1	1	0
Total	489	100	170	38	21	61	73	14	57	55
	total		290				199			
	%		59				41			

b) Folha de S.Paulo

Apresentação	Total	%	Gestão Erundina				Gestão Maluf			
			1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Matéria	544	93	152	34	49	25	111	34	49	90
Nota	40	7	15	8	4	2	7	2	1	1
Total	584	100	167	42	53	27	118	36	50	91
Total			289				295			
%			49				51			

c) Diário Popular

Apresentação	Total	%	Gestão Erundina				Gestão Maluf			
			1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Matéria	1178	66	259	93	103	93	210	69	225	126
Nota	599	34	29	35	69	46	110	72	105	133
Total	1777	100	288	128	172	139	320	141	330	259
Total			727				1050			
%			41				59			

d) Jornal da Tarde

Apresentação	Total	%	Gestão Erundina				Gestão Maluf			
			1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Matérias	378	89	145	27	67	32	20	12	28	47

Notas	46	11	14	10	7	2	3	1	4	5
Total	424	100	159	37	74	34	23	13	32	52
		total	304				120			
		%	72				28			

e) Folha da Tarde

Apresentação	Total	%	Gestão Erundina				Gestão Maluf			
			1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Matéria	772	73	248	37	75	95	204	35	53	25
Nota	289	27	58	3	12	19	61	8	47	81
Total	1061	100	306	40	87	114	265	43	100	106
		total	547				514			
		%	52				48			

Como explicar a cobertura maior da gestão Erundina?

Quem nos responde é o **vereador José Eduardo Cardozo**:(entrevista realizada em 21/11/97/SP), vereador pelo PT, que na gestão Erundina ocupou o cargo de chefe de gabinete: *“Nós tivemos um cerco da imprensa, um massacre. Era um coisa, era como se nós não acertássemos nada. Quando eram coisas boas, que tinham um saldo positivo, ninguém cobria, não escreviam nenhuma linha, não conseguíamos nada, mas quando era desgraça... A Rede Globo, para mim, foi o comportamento padrão. Na época, havia enchente em São Paulo, eles tinham repórter transmitindo ao vivo, tinha algum evento da prefeitura, silêncio, às vezes, até os pauteiros marcavam coisa, na hora que vinham, caía a equipe. A Globo era fatal, quando era alguma coisa boa, a menina ligava, ‘vamos marcar?’, ‘vamos’, ‘faltam 10 minutos para ver se cai a matéria’, caía. Era um grande cerco da imprensa, nós fomos massacrados, eu, inclusive, tinha subordinado a mim, a assessoria de imprensa, e servia um pouco como porta-voz da Luiza Erundina, combinamos uma estratégia correta que o prefeito tem que se resguardar, então, as frias, normalmente, era eu que ia para as coisas, e era uma coisa impressionante...”*

Um aspecto que também deve ser levado em conta, diz respeito à análise dos motivos que levam a mídia a cobrir com maior destaque os trabalhos desenvolvidos pela Câmara Municipal em certas Legislaturas. Num artigo intitulado "Governando a Cidade? a força e a

fraqueza da Câmara Municipal paulistana", Cláudio G. Couto e Fernando L. Abrucio analisam "a eficácia do Poder Legislativo local no desempenho de duas funções que o caracterizam como poder autônomo e ativo num sistema político democrático; primeiro, seu papel dentro do processo de governo, entendido como atendimento das demandas sociais através da produção de políticas governamentais e, segundo, a fiscalização das ações do Executivo no trato da coisa pública" (Couto, C.G e Abrucio, F.L, 1995, 57).

Para analisar as quatro últimas gestões executivas do município de São Paulo (Mario Covas, Jânio Quadros, Luiza Erundina e Paulo Maluf), os autores privilegiam a problemática do sistema de governo presidencialista e o relacionamento entre os Poderes. No caso da Câmara Municipal de São Paulo, gestão Maluf, ao "Colassuono eleger-se presidente da Câmara trabalhando em prol do alinhamento sistemático do parlamento ao Poder Executivo. O resultado deste processo foi o eclipsamento da Câmara de Vereadores, restando à oposição a possibilidade de denunciar e fiscalizar o Executivo, sem no entanto encontrar por parte da mídia a mesma receptividade verificada em momentos anteriores" (Couto, C.G. e Abrucio, F. L., 1995, 64).

Outro aspecto a ser considerado para explicar a tendência maior em cobrir o governo Erundina diz respeito à novidade de sua gestão e a dinâmica pré-eleitoral que viabilizou a eleição da candidata do PT.

Embora a cobertura da imprensa seja significativa em termos numéricos, alguns depoimentos de entrevistados consideram que não é suficiente, pois o Legislativo da cidade de São Paulo mereceria maior destaque e espaço devido à importância que este possui.

Para a **vereadora Aldaisa Sposati** do PT (entrevista realizada em 26/04/95) "*O jornal que dá maior cobertura é o Diário Popular, que é lido por um determinado segmento da população, mas este não chega a ser formador de opinião pública. A 'Folha, que é um instrumento mais usado para a formação da opinião, não registra as questões que estão rolando, os debates, ela é altamente seletiva... Os jornalistas (que cobrem os trabalhos na C.M.) ficam dependentes de serem pautados. Só tem notícia quando existe uma desgraça, quando tem sangue*".

Por outro lado, o **repórter Robson Luquêsi** afirma que a grande culpa da falta de notícias na imprensa é dos próprios vereadores que não produzem e, portanto, não tem o que apresentar: "*Precisa ter o que divulgar, dos 55 vereadores da C.M., poucos têm capacidade teórica, até mesmo prática, de discutir, com seriedade, o que está acontecendo*" (27/04/95).

Robson Luquêsi diz, criticamente, que: *"Aqui, como em qualquer parlamento em época eleitoral, fica praticamente parado. Você que está atrás de informação fica, literalmente, caçando notícias. A sessão abre e , encerrada em seguida".*

Na realidade, deve-se levar em conta que o Parlamento não funciona somente nas sessões em Plenário. As reuniões das comissões de inquérito e de estudos realizam-se em outros horários, contribuindo para subsidiar o trabalho dos parlamentares. A imagem que a imprensa divulga , a de que vereador só trabalha em sessões e, quando estas não ocorrem, ele fica ocioso.

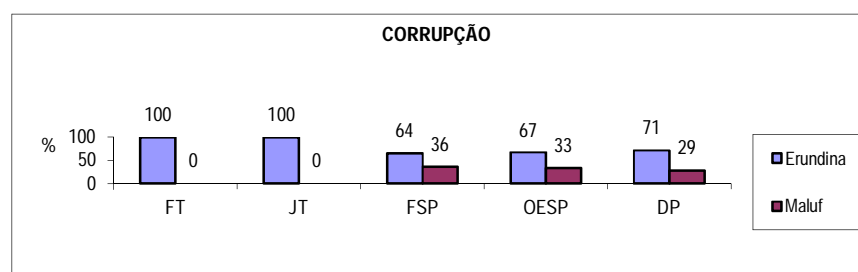
Um outro aspecto a ser considerado diz respeito ao fato de que tanto a Folha de S.Paulo como O Estado de S.Paulo cobrem todos os eventos/fatos nacionais/internacionais e regionais, dispensando pouca atenção aos acontecimentos da cidade de São Paulo, embora possuam cadernos especiais como Cotidiano e Cidades respectivamente.

Para alguns vereadores entrevistados, como **Odilon Guedes** (entrevista realizada em 15/09/97/SP), ex-vereador do PT, *"a imprensa não dá a importância que a Câmara tem, a não ser o Diário Popular, que é um jornal que tem um acompanhamento bastante competente do que acontece na Câmara e tinha um repórter escalado para acompanhar todas as sessões da Câmara quando eu estava lá. Agora, os outros jornais às vezes eles estavam lá acompanhando às vezes não e principalmente o Estadão e a Folha, eles fazem um acompanhamento mais distante, quando eu acho que é muito ruim porque o tamanho da cidade de São Paulo, que é uma cidade-estado quase, tem mais de 10 milhões de habitantes, tem que ter um acompanhamento muito intenso do que acontece na Câmara, porque a população nem sabe o que acontece lá, não tem a mínima idéia".* A cobertura é pequena porque: *"Eu acho que os jornais, como são jornais nacionais, às vezes, eles ficam preocupados com questões de Brasília, que eles devem estar preocupados, mas eles deviam ter um caderno especial com o acompanhamento daqui, além do que as rádios, a Rádio Bandeirantes que tem, tinha, deve ter ainda um jornalista, o Lázinho, que acompanhava, nem sei se deve ser ele ainda, todas as discussões da Câmara, a Joven Pan, algumas vezes estava lá, a não ser em alguns momentos de embates políticos importantes, que ia a televisão lá e etc. Então, mais eu acho, não sei se a imprensa não dá importância para o legislativo paulistano, que é o órgão de expressão, que representa o conjunto da sociedade através dos partidos políticos, eu acho que não vê a importância da Câmara".*

Na avaliação da vereadora **Aldaísa Sposati** a **cobertura** que a imprensa faz dos trabalhos desenvolvidos na Câmara é: *“Péssima, péssima. E por que eu digo péssima? É porque, bem, estou falando da imprensa escrita. De fato, São Paulo, a cidade de São Paulo, não tem uma cobertura da cidade. O espaço que a Folha de S. Paulo ou o Estado, que seriam os jornais regionais, eles dão para a cidade, é insignificante. O jornal que dá maior cobertura, é o Diário Popular, que é lido realmente por um segmento da população, mas ele não chega a ser formador de opinião pública. A Folha é mais, é um instrumento mais usado para formação de opinião. E a Folha, ela não registra questões que estão rolando, os debates e tal. Ela é altamente seletiva. Só tem notícia quando tem uma desgraça, tem sangue, só tem isso”*.

Como exemplo desta afirmação podemos citar como os jornais cobriram a **categoria crise política e o sub-tema corrupção**:

CRISE POLÍTICA		
CORRUPÇÃO		
Jornal	Erundina	Maluf
FT	100	0
JT	100	0
FSP	64	36
OESP	67	33
DP	71	29

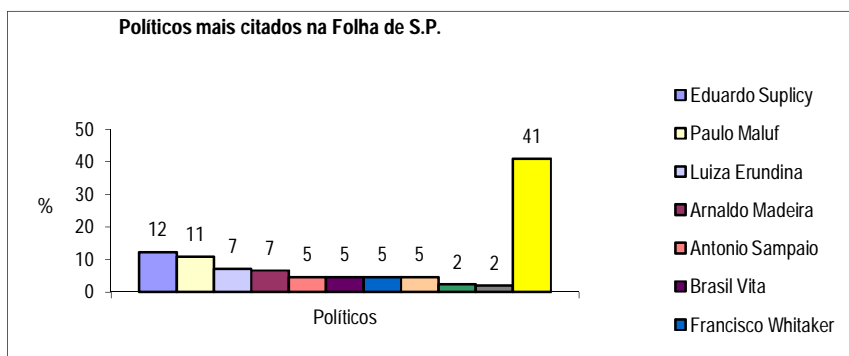
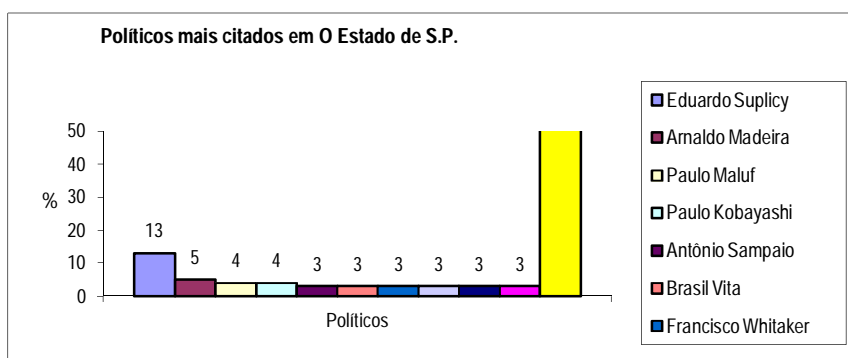


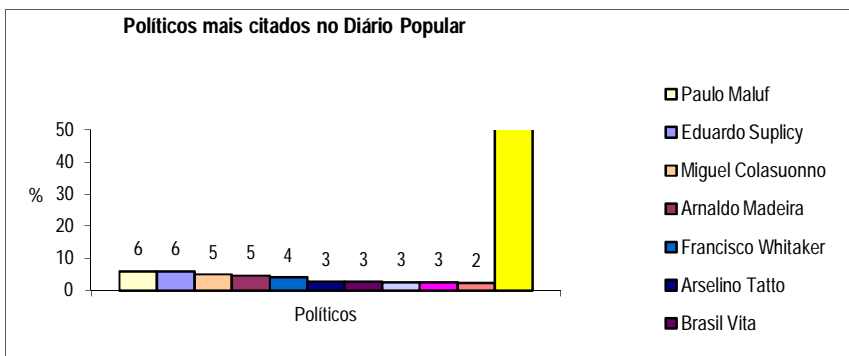
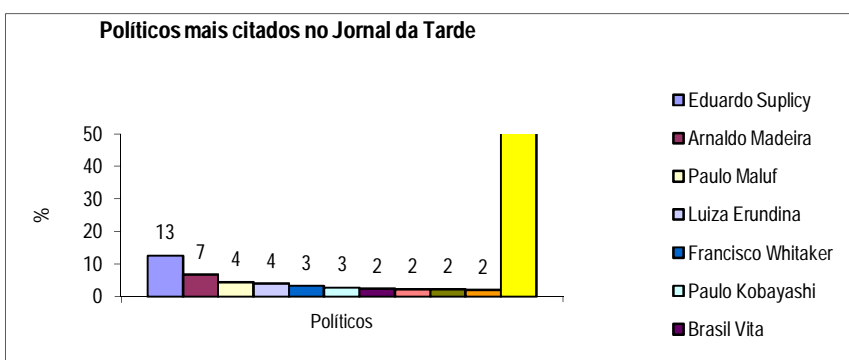
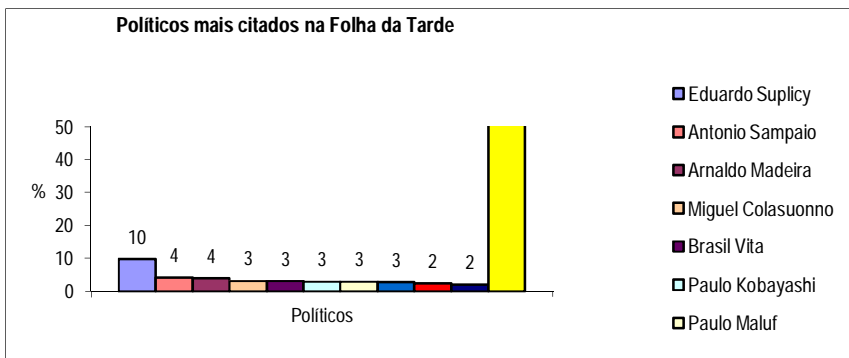
À primeira vista, ao analisarmos estes dados referentes à corrupção, poderíamos afirmar que durante o governo Erundina teriam ocorrido mais casos de corrupção. Na verdade a presença maior deste sub-tema da crise política é decorrente da atuação dos vereadores do PT

e da presidência do vereador Eduardo Suplicy na Câmara Municipal que desencadeou uma campanha política pela moralização deste Poder, denunciando funcionários fantasmas, uso indevido do dinheiro público, dentre outros aspectos.

POLÍTICOS MAIS CITADOS PELOS JORNAIS

Para este item, realizamos o arrolamento de todos os jornais e nos detivemos em quais foram os políticos mais citados pela imprensa escrita.





Os vereadores mais citados pertencem aos quadros do PT e do PSDB. Os que recebem maior espaço na imprensa escrita ocupam cargos políticos e/ou são vereadores temáticos, que se diferenciam pela área de especialização e de atuação.

A maioria dos jornais destaca a presença do vereador Eduardo Suplicy, apesar dele ter ocupado a vereança durante três anos. O ano de 1989 foi marcado pela presença combativa do vereador Eduardo Suplicy, enquanto presidente da Câmara Municipal de São Paulo, e que desencadeou um processo de moralização no Legislativo paulistano.

Segundo o **ex-vereador Chico Whitaker** o destaque dado ao ex-vereador Eduardo Suplicy deve-se à seguinte avaliação:

“Evidentemente, no primeiro mandato, a imprensa estava contra a Erundina. No segundo, era malufista. Então, quando ela era contra a Erundina, tudo o que a gente fazia lá... quem tinha... isso talvez na tua análise, vale a pena dar uma verificada mais fundo... o Suplicy, a personalidade do Suplicy, a maneira como ele conduzia o processo da mídia. Ele foi uma pessoa sempre capaz de criar notícia e de estar ali onde os holofotes estavam, até hoje. Então, naquela época, num certo sentido, aquele negócio todo “de pintou a limpeza”, “de fantasma”, etc, ele tinha uma cobertura muito grande. Agora, ele sabia jogar com isso aí. Então, a gente tinha naquela época quase que uma dupla atitude. Uma atitude muito beneplácita com o PT, pela pessoa do Suplicy, pela pressão que ele fazia dentro da Câmara. E uma atitude de extrema crítica à Erundina, enquanto executivo. E lá era o lugar onde isso passava. Ao mesmo tempo que a imprensa dava uma puta cobertura a toda e qualquer denúncia que se fazia contra a Erundina, mas muito nessa linha que a imprensa tinha a notícia e entregava a bandeja para o vereador que quisesse se aproveitar daquilo para se promover. Então, ela tinha... ela usava a Câmara, a imprensa anti-Erundina usou a Câmara e usou os vereadores desse tipo para atacar a Erundina, mas, ao mesmo tempo, ela não podia ir contra o Suplicy, o Suplicy estava moralizando a Câmara, mas era exatamente o problema do deslouro da Câmara. O problema é você ficar nesse fio da navalha é ao mesmo tempo falar mal da instituição e ao mesmo tempo dizer que quer valorizar essa discussão. Quer dizer, eu não sou contra ela, eu sou contra o seu atual quadro de funcionários, sou contra as distorções que ela tem...”

O **vereador Brasil Vita** (entrevista realizada em 28/9/98) ao comentar a atuação de Suplicy na CPI de 1989/90, se colocou como ‘vítima’:

“Eu fui vítima de uma CPI que eu não tinha culpa e a imprensa, não a imprensa, a Folha da Tarde sobre o comando do jornalista Ivo Patarra, durante seis meses, ele me atacava.... Foi

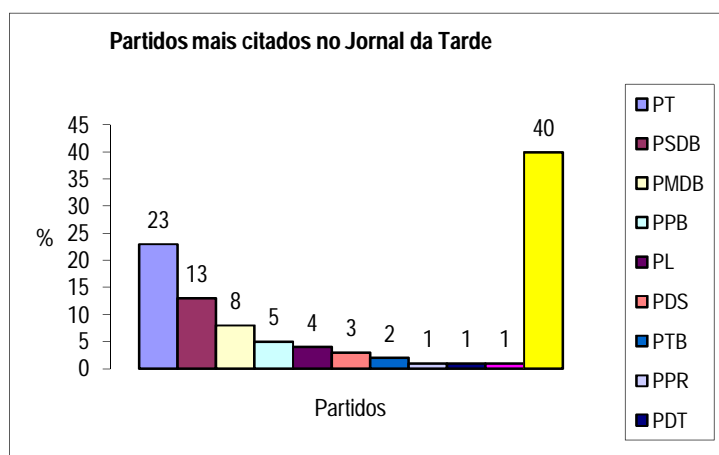
uma CPI sobre a construção do heliporto aqui, que o Suplicy ganhou a simpatia do povo porque atacava aqueles quatro vereadores Sampaio, Jamil Uchoa, Almir Guimarães e Eu. Eu fui vítima de uma grande injustiça, enfim, acabou não havendo crime nenhum, porque o promotor pediu o arquivamento, porque não havia crime nenhum, mas o Suplicy precisava ser eleito e a imprensa lhe dava muita cobertura, como a imprensa ainda lhe dá hoje muita cobertura. E a CPI foi armada contra nós, então, eu tenho muito receio de CPI, porque tem muita CPI armada. Agora, quando ela busca atacar o cidadão que é culpado, aí, eu estou de acordo”.

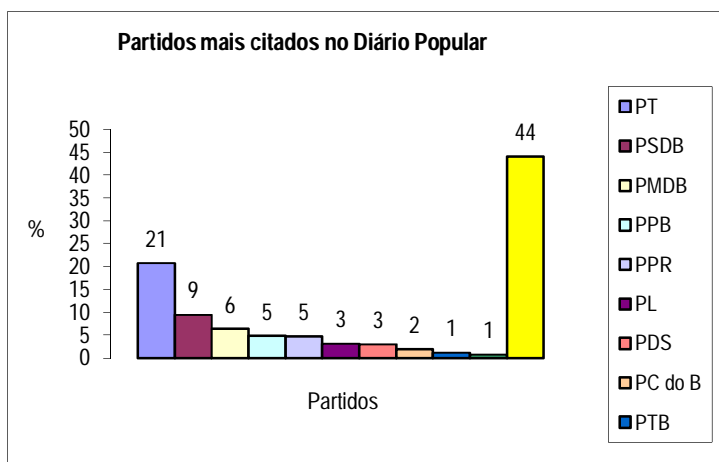
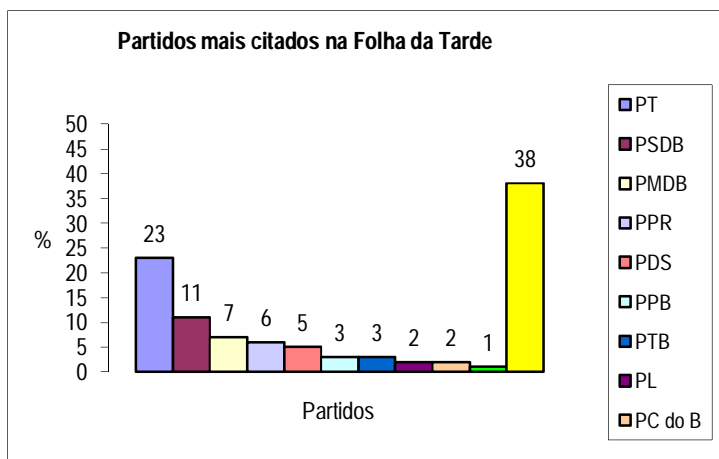
O repórter **Lázaro Roberto** relembra a CPI realizada em 1989 e a atuação de Suplicy: *“Olha, por exemplo, a CPI ... foi feita uma CPI aqui na época em que o Eduardo Matarazzo Suplicy era o presidente da Câmara Municipal. Olha, naquela oportunidade nós achávamos que o que estava sendo feito era correto, mas algumas pessoas foram presas injustamente, e houve assim casos de famílias que se desestruturaram, e essa pessoa que foi punida não devia tanto. Porque eu acho que o objetivo é sempre pegar o peixe grande, senão o cara começa a pegar lambarzinho, essas coisas, e não funciona. Acho que nós devemos trabalhar para mostrar o cidadão que pratica o crime de colarinho branco, não os pobres coitados. E na gestão do Suplicy, muita gente inocente foi detida. Por exemplo, houve um incêndio aqui, durante os trabalhos da CPI. Mandaram todos os policiais embora. Você não sabe o que aconteceu na vida desses policiais! Inquérito policial nas suas unidades, inquérito na justiça, e eles foram absorvidos pela justiça. Agora, quem é que vai reparar esse dano para essa gente? E naquele dia do incêndio, foi verificada ... nós tínhamos aqui no prédio, duas festas do PCdoB. Ninguém do PCdoB foi chamado para prestar depoimento, nem na polícia ... Ninguém do PCdoB foi chamado para prestar depoimento na CPI. Ora, eu acho que todos os que estavam na casa naquele dia, inclusive nós da imprensa, tínhamos que ser chamados para prestar depoimento. Então, essas coisas a rádio Band colocou, e o Suplicy não pediu o direito de resposta”.*

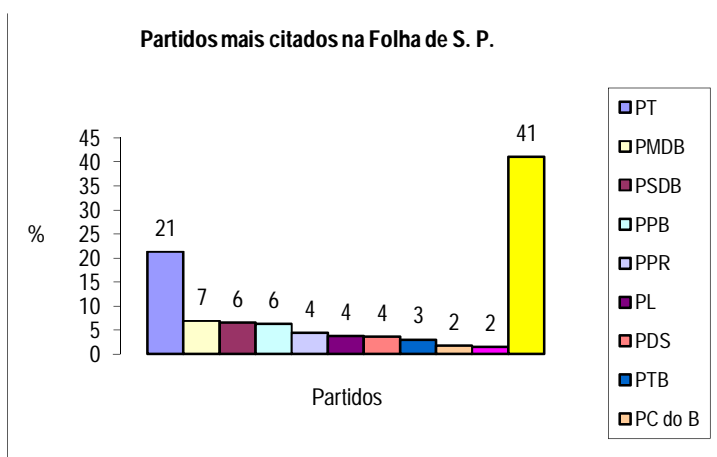
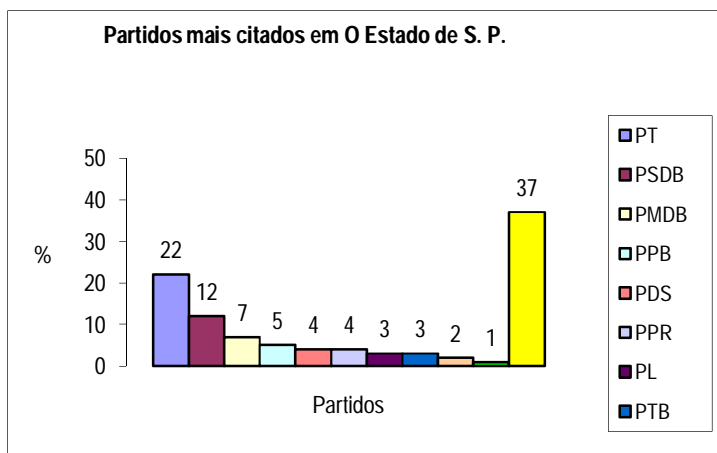
Quanto à questão da imprensa exagerar ao cobrir os problemas da Câmara, como a corrupção, ligados a certos vereadores, não existiria uma possibilidade de reforçar somente uma imagem negativa da Câmara, e dos políticos? Neste caso, **Chico Whitaker** considera: *“Eu acho o seguinte. Eu faço uma análise sistemático disso daí. Eu acho que a gente está no fio da navalha. O que existe lá dentro é tão terrível que você tem o que falar. Agora, se você falar mal, você engrossa a perspectiva dos que querem fechar o parlamento, que é um*

pouco do que acontece com a maioria dos jornais, eles entram no mesmo esquema de autoritarismo. E aí pelas tantas se eles fecharem o parlamento, então, é ótimo. Eu acho que existe uma ideologia por detrás desse processo todo, autoritária, que está latente. Eu acho que existe uma aceitação do autoritarismo, não dos jornalistas, mas dos grandes meios de comunicação de massa. É óbvio que se você tá com o poder, e o poder é autoritário melhor. O diabo é você não estar com o poder na hora em que ele é autoritário. Aí, você está frito. Os jornais, em geral, estão com o poder, são grandes meios, são grandes fortunas, são grandes capitais, grandes donos. Eu acho que eles mantêm essa perspectiva e imediatamente divulgam tudo que é negativo. Há o problema da vendagem. Então, a gente até brincava na Câmara, que se um vereador sai pela rua e for mordido por um cachorro, ninguém vai noticiar, mas se um vereador morder o cachorro, aí vai ser notícia. Então, o escândalo que vende o jornal entra nisso”.

PARTIDOS POLÍTICOS MAIS CITADOS







O **vereador Brasil Vita**, ao ser perguntado sobre a cobertura diferenciada da imprensa, comenta que a mídia é controlada por petistas:

“É claro, tem vereador que tem melhor cobertura do que outros aí. Eu não estou atrás de propaganda nenhuma...O grupo é ligado ao PT, querida, ao PSDB, à turma de oposição, é por isso que isso acontece. Então, eles vem e atacam, faz parte do sistema que eles implantaram aí, a realidade é essa e não outra, eles não cuidam de ver a câmara num aspecto positivo, por exemplo, se não aprova lei, a câmara não presta, mas será possível, nós temos tantas leis e nem executaram essas leis, é fazer obedecer essas leis... O legislativo não deve ser caracterizado como um fabricante adoidado de leis, porque se é assim, teve aqui vereador que fez mais de 10.000 projetos, nome de rua, nome de artista de cinema, quer dizer, em termos de quantidade, deu 10.000 projetos, mas sobre o quê? Sobre

o nada? Eu acho que a câmara tem um papel de crítica, tem que criticar, tem que apontar. Não há necessidade de se fazer leis a todo instante, não que eu esteja fazendo ablação total da lei, nós temos que legislar também, mas, não é a função precípua da câmara só legislar, é fiscalizar também, criticar e etc. Mas é muito difícil com a nossa imprensa, não é fácil”.

Por quê o PT é o partido que mais tem cobertura por parte da imprensa? Além de serem vereadores temáticos, destaca-se como fundamental o papel da assessoria de imprensa destes parlamentares. Também deve ser considerada a própria composição da Câmara Municipal de São Paulo.

Segundo **a vereadora Aldaisa Sposati**, a sua assessoria de imprensa “*manda um release. Você faz síntese da matéria, do que está em debate, a atitude que você tomou e tal, e encaminha. Outra coisa é o próprio jornal entender a gente como referência de algum assunto. Então nos entrevistam por ter essa referência. Uma coisa é cobrir a iniciativa, outra coisa é o vereador ser um manifestador de opinião, e outra coisa que nós temos feito com relativa regularidade é escrever artigos, sobre fatos, questões que estão acontecendo, e aí isso é publicado”.*

Para **Belmonte**, o nível de preparo dos vereadores é muito fraco: “*Dizem que os vereadores na época da Erundina eram muito melhores, mesmo os do PPB. O que eu posso dizer é o da gestão anterior (Paulo Maluf) e desta (Celso Pitta). Piorou muito e está piorando cada vez mais, dentro da situação e dentro da oposição. Você pega da situação, por exemplo, você pode discordar das posições políticas, você pega, por exemplo, o professor Marcos Cintra (PL), é uma pessoa que tem algo a dizer, você pode discordar do que ele diz, mas tem algo a dizer, mas ele não é mais vereador. Aí, entra outro vereador, por exemplo, o Osvaldo Enéias (PRONA), não tem o que dizer. No PT também, vamos pensar em alguns vereadores, por exemplo, Maurício Faria ou Odilon Guedes (ambos do PT), que eram vereadores ativos e permanecem alguns vereadores que absolutamente não falam, não são ativos. Isso piora muito. Eu recebo ligações absurdas de vereadores quando eu dou a falta, dizendo que ele não estava presente na sessão. Ele liga, diz que realmente não estava presente porque foi ao dentista”.*

O vereador **José Eduardo Cardoso**, considera-se muito procurado pela mídia: “*Acho que existe um dado, talvez, menos pelas minhas virtudes e mais pela desqualificação da legislatura. Eu tenho sido procurado pela imprensa direto, em especial, nesse ano, eu tive muita presença na mídia, a gente está fazendo esse balanço no gabinete, nos assuntos os mais diversos*

possíveis e eu me pergunto: por que isso? São assuntos, por exemplo, astrofísica, por que eu estou sendo procurado? Por causa de uma legislatura desqualificada”.

Rogério Gentile, da Folha de S.Paulo, vai na mesma direção que o vereador José Eduardo Cardoso, ao afirmar que *“a Câmara Municipal piorou muito. Quer dizer, a Câmara Municipal hoje é uma Câmara muito fraca, ruim, os vereadores de lá, a maioria, são completamente despreparados tanto da situação quanto da oposição. Na oposição, você deve ter um ou dois, no máximo, três vereadores que fazem um acompanhamento sistemático, são as pessoas que acabam te dizendo, te passando as informações, porque a maioria é bastante insignificante”.*

Com relação ao espaço na mídia, **Odilon Guedes** afirma que: *“Eu, particularmente, tive uma presença muito grande na imprensa, eu fiz um arquivo de tudo que saiu, eu sai numa média de que a cada três dias, eu saía duas vezes, foi uma coisa intensa, principalmente no Diário Popular. Porque no início a gente fez algumas denúncias importantes, eu me lembro que logo nos primeiros dez dias nós recebemos uma denúncia que havia um superfaturamento na compra de alimentos na Secretaria da Habitação, deu primeira página na Folha da Tarde. E o que aconteceu? A mídia é uma coisa decisiva, porque não adianta a gente fazer um bom trabalho na Câmara se não sai publicado, se ninguém sabe que a gente existe. Até as pessoas encontrarem a gente, vão perguntar o que eu estava fazendo da vida como vereador. É fundamental a imprensa noticiar.*

O ex-vereador **Chico Whitaker** teve no primeiro mandato muita visibilidade, exatamente pelas funções que exerceu: como relator da Comissão da Lei Orgânica do Município de São Paulo e a função de líder do governo, na gestão Erundina. Ao ser perguntado sobre sua **relação com a imprensa e com a mídia** de um modo geral, o ex-vereador respondeu: *“ Eu tinha uma muito boa relação. Eu digo isso para você por duas razões. A primeira razão, é que eu gostava da moçada, dos setoristas. Eu me entendia bem com eles e isso era facilitado pelo meu assessor de imprensa, inclusive, o Fábio Cipriano, que era colega de faculdade, de escola de uma boa parte deles e que circulava bem naquelas áreas, que me abriu muito espaço de diálogo. Eu tinha uma relação de muita confiança com eles...Eu acho que o assessor de imprensa é muito importante nessa relação, da maneira como ele também se relaciona”.*

Na nossa sociedade, onde a centralidade dos meios de comunicação é um fato, ocorre a adequação da política a estes meios. As lideranças políticas necessitam da mídia e conseguem

se firmar nesta situação à medida que sua imagem é veiculada pela mídia. A publicização torna-se fundamental para deflagrar ou firmar qualquer carreira política. No entanto, este processo de publicização pode acarretar problemas para estas lideranças, pois a arena da política está mais exposta a riscos e os políticos não conseguem controlar a visibilidade e o poder da mídia.

Os caminhos políticos se abrem sob estas novas condições midiáticas, mas a vulnerabilidade das lideranças políticas também aumenta à medida que fatos políticos favoráveis ou não são publicizados.

Considerações preliminares

“Apesar de todas as tendências que apontam para um processo de globalização, com a padronização de usos e costumes, o surgimento do ‘cidadão do mundo’ e a ênfase na mundialização, o que se observa, paradoxalmente, é uma valorização do caminho inverso. Isto é, a mídia, de modo geral, está ampliando espaços para a informação de fatos ou notícias que envolvem questões específicas da localidade e do poder local, com matérias que abordam diretamente o cotidiano de cidadãos, inseridos num determinado município” (Chaia e Teixeira, 1999, 1).

A imprensa escrita atenta à esta tendência e visando também aumentar o número de seus leitores, criou cadernos voltados à discussão de problemas da cidade. É neste sentido que podemos avaliar a cobertura que a mídia realizou sobre a Câmara Municipal de São Paulo.

As entrevistas realizadas reproduzem as tensões existentes na relação entre mídia e parlamentares. De forma geral verifica-se que os vereadores que mais se destacam na mídia são aqueles que produzem notícias, ou que são detentores de certos conhecimentos por ocuparem determinadas posições. Apesar deste parlamentares obterem espaço na mídia, reconhecem que a cobertura feita pela imprensa é complexa e, em muitos momentos tendenciosa. Por outro lado, os depoimentos dos jornalistas da imprensa escrita e das rádios Bandeirantes e Jovem Pan, são explícitos ao afirmarem o ‘baixo nível’ dos vereadores e a falta de produtividade da Câmara Municipal.

A imagem construída pela mídia é de uma Câmara sem expressão política, levada à reboque pela atuação do Executivo. O agendamento dos temas e a veiculação das notícias passa pelo crivo pessoal dos jornalistas, que estabelecem seus critérios para consagrar o que é importante para a população da cidade de São Paulo.

Estas colocações indicam que a mídia amplia seu espaço para divulgação dos trabalhos parlamentares dependendo do relacionamento entre o Executivo e o Legislativo municipal. É um aspecto interessante a ser considerado, possibilitando um estudo comparativo entre as gestões Erundina e Maluf, no tocante as Legislaturas municipais. Devido à este aspecto, é essencial compreender a composição da Câmara Municipal nestes períodos, pois um dos fatores que pode explicar a maior presença ou não de notícias sobre o Legislativo, consiste exatamente nesta composição, que implicará em equilíbrio de forças e possíveis coligações.

Para concluir, devemos destacar “o papel de controle e fiscalização exercido pela mídia, publicizando os fatos políticos e cobrindo as atuações das autoridades políticas...Embora não se possa perder de vista este vínculo entre mídia e democracia, alguns riscos podem ser percebidos na cobertura enfática de fatos negativos da vida política. Corre-se o perigo, neste caso, de ajudar a aumentar a desconfiança que o eleitor tem de nossos políticos. É claro que a verdade deve ser revelada, mas este acompanhamento da vida parlamentar por parte dos meios de comunicação precisa ser constante, ressaltando também seus aspectos positivos, como as práticas políticas consistentes e atuação de partidos políticos que mais se destacam no parlamento, contribuindo com isso para mudar a cultura política brasileira”(Chaia, 1999,4/5).

Bibliografia citada

- 1) Lattman-Weltman, F.; Carneiro, J. e Ramos, P. A Imprensa faz e desfaz um presidente. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1994.
- 2) Rubim, Antonio Albino – Mídia e Política: transmissão de poder, in Matos, Heloiza (org.). Mídia, eleições e democracia. São Paulo, Editora Página Aberta Ltda/Scritta, 1994.
- 3) Couto, C.G. e Abrucio, F.L. - "Governando a Cidade? a força e a fraqueza da Câmara Municipal paulistana". in: Revista São Paulo em Perspectiva, Fundação Seade, vol.9, nº 2, abr/jun/95.
- 4) Debray, Régis – O Estado Sedutor – as revoluções midiológicas do poder, Editora Vozes, Petrópolis/1994.
- 5) Porto, Mauro – A Crise de Confiança na Política e suas Instituições: os Mídia e a Legitimidade da Democracia, texto apresentado na Compós, USP/SP/1996.
- 6) Chaia, Vera e Teixeira, Marco Antonio – Máfia dos fiscais e as estrelas da cidadania, in Observatório da Imprensa, 20/3/99, <http://www2.uol.com.br>
- 7) Chaia, Vera – Cassações bastam?, in Observatório da Imprensa, 05/07/99, <http://www2.uol.com.br>

